

cRoNICaMeNtE iNviÁveL

Brasil, 1999
Direção: Sérgio Bianchi. Agravado Produções Cinematográficas. **Roteiro:** Gustavo Steinberg e Sérgio Bianchi. **Montagem:** Paulo Sacramento. **Fotografia:** Marcelo Coutinho e Antonio Penido. **Atores:** Umberto Magnani, Cecil Thiré, Dira Paes, Betty Gofman, Daniel Dantas, Dan Stulbach, Zezeh Barbosa, Leonardo Vieira, Cosme dos Santos.

Luis fernando Cerrí

1999 foi um ano especial para o debate público sobre a identidade nacional brasileira, tendo em vista a preparação para as comemorações dos 500 anos do Descobrimento pelos navegadores portugueses. Foi sintomático que a Rede Globo de Televisão, a maior do país, tenha assumido os preparativos, tendo o governo uma participação tímida e secundária. No período, as políticas e a propaganda neoliberais encontravam-se no ápice, e a festa nacional, que em tese deveria ser pública, foi também privatizada, com a colaboração e conivência do poder central e dos governos estaduais. Nesse quadro, a dissonância em relação ao discurso dominante (conciliador, nacionalista, minimizador dos traumas da colonização) acabava por constituir-se numa espécie de “dever cívico”. Centrais sindicais, movimentos populares, e em especial os movimentos negro e indígena cumpriram o papel de emitir a voz dissonante, ainda que ela tenha sido abafada pelo bloqueio da mídia e por sua própria fragilidade, dada por uma década de refluxo da participação política.

Cronicamente Inviável participa da dissonância nos debates sobre a identidade brasileira em 1999. Entretanto, ao contrário dos movimentos organizados, a visão de Bianchi não enxerga alternativa, não vê futuro positivo para a nação, daí o título da película. O roteiro é uma reunião de narrativas estruturadas e de cenas relativamente independentes que pretende fundamentar aquela tese, e se articula em torno de diversas histórias que convergem num restaurante fino de São Paulo: a história do dono do restaurante, Luiz (Cecil Thiré) um cínico empresário cujo principal prazer é humilhar os funcionários, incluindo assédio sexual; a da gerente do restaurante, Amanda (Dira Paes) vinda do Brasil central, de criança explorada a dona de um escuso negócio paralelo ao trabalho do restaurante; a do casal de classe alta com distintos relacionamentos com os empregados (ou seja, com maior ou menor dissimulação do desprezo que sentem por eles), a de um intelectual (Alfredo) que passa o filme a analisar a identidade nacional brasileira, viajando o país todo para cumprir um misterioso trabalho que lhe complementa a renda e, enfim, a história do migrante sulista que tenta a sorte na metrópole paulistana, e encontra apenas a humilhação nas mãos do dono do restaurante.

Entremeando essas histórias, diversas cenas tangencialmente ligadas ao enredo fazem um ácido discurso sobre a relação entre as classes sociais e etnias no Brasil. Numa delas, o cozinheiro do restaurante impede que os mendigos comam os restos de comida jogados no lixo, enquanto dá parte desses restos para um cão vadio. Em outra, uma rica senhora atropela um menino de rua e, historicamente, afirma aos curioso que se juntaram que ela não tem culpa, e vai embora dizendo que tem um compromisso urgente, enquanto o garoto agoniza, embalado pela inação dos presentes. Noutra, ainda, uma

das personagens, desiludida com a caridade após ter sido assaltada dentro de casa com ajuda da empregada, distribui alimentos e brinquedos para duas crianças de um grupo de menores abandonados, apenas para se divertir com a cena em que os demais se agridem pela posse do presente, e seus pensamentos passeiam pelo desejo mal disfarçado do extermínio das crianças de rua.

Bianchi desnuda a cruzeza, a violência e o cinismo das relações sociais no Brasil, e a irresponsabilidade das elites, todas elas. Entretanto, não se trata de culpar as elites somente: a passividade do povo, sua servilidade, também é posta em tela como problema crucial. O discurso do garçom Adam (Dan Stulbach) é de certa forma o discurso de Bianchi, um filho de fotógrafos do sul do Brasil que migrou para São Paulo para seguir a carreira cinematográfica. Adam, de origem polonesa, faz a defesa do terrorismo anarquista como resposta às humilhações sofridas pelos pobres, clama aos céus pelo terror revolucionário, como antítese à pasmeira e à docilidade pela qual os explorados aceitam sua sina. Entretanto, sua fala é solitária em relação aos demais personagens.

O negócio de Amanda e do professor Alfredo é o tráfico de órgãos de crianças, que Amanda compra de mães que pensam estar vendendo seus filhos para adoção por estrangeiros. O horror desta revelação constitui a grande metáfora do filme para a identidade nacional brasileira. O esquiteamento, o assassinato, a venda de partes do corpo dos pobres como negócio extremamente lucrativo está na base da inviabilidade do Brasil. Historicamente, a exploração mais agressiva marca o Brasil desde sua constituição, através do comércio de escravos. Se a exploração à qual os brasileiros são submetidos pelas suas elites é odiosa, a venda de órgãos de crianças pobres — que não se resume à ficção — é um grito de horror que clama aos céus, mas que dá a marca do que tem sido a História brasileira, desde a escravidão, desde o esquiteamento do revolucionário Tiradentes, no século XVIII, passando pelos inúmeros acidentes de trabalho, em que as máquinas consomem pedaços dos corpos dos trabalhadores, de quem o representante mais ilustre é o atual presidente da República, Lula, que perdeu um dos dedos da mão no torno mecânico. Concorde-se ou não com a tese do filme, *Cronicamente Inviável* torna a indiferença impossível.



Notas:

* Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa.